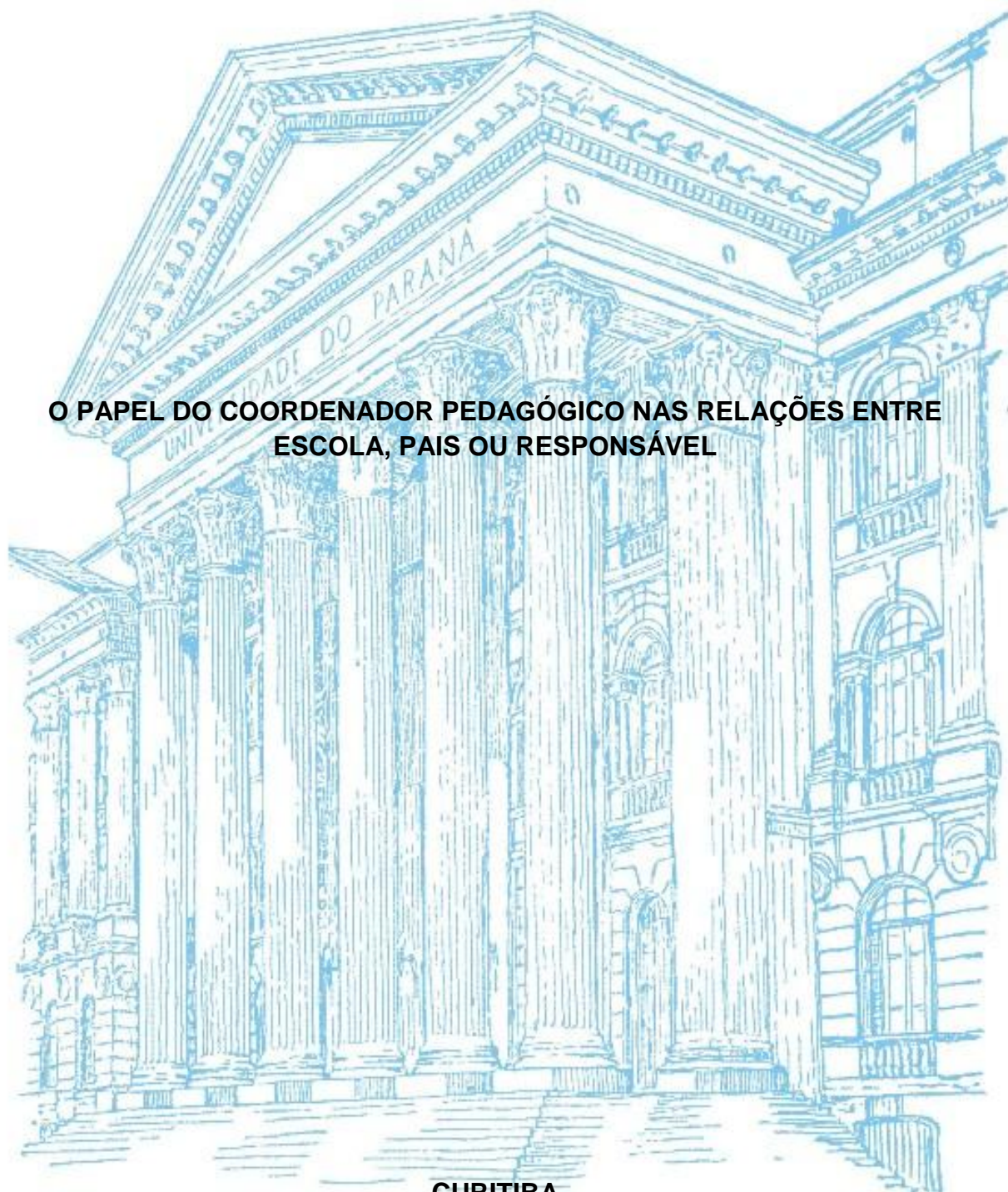


**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO**

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

SILVIA APARECIDA HUNGARO



**O PAPEL DO COORDENADOR PEDAGÓGICO NAS RELAÇÕES ENTRE
ESCOLA, PAIS OU RESPONSÁVEL**

**CURITIBA
2014**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

SILVIA APARECIDA HUNGARO



**O PAPEL DO COORDENADOR PEDAGÓGICO NAS RELAÇÕES ENTRE
ESCOLA, PAIS OU RESPONSÁVEL**

Trabalho apresentado como requisito à obtenção do grau de especialista no Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná.

Orientador (a): Prof. Dr. Ademir Pinhelli Mendes

**CURITIBA
2014**

O PAPEL DO COORDENADOR PEDAGÓGICO NAS RELAÇÕES ENTRE ESCOLA, PAIS OU RESPONSÁVEL

Autora: HUNGARO, Sílvia Aparecida¹

Orientador: MENDES, Ademir Aparecido Pinhelliz

RESUMO

O artigo trata da relação entre a escola e os pais. Investiga um cenário educacional e sua relação com o alcance de bons resultados de aprendizagem, bem como a importância do coordenador pedagógico no cotidiano escolar como mediador nesta relação. Conclui que faz parte das estratégias do coordenador pedagógico buscar a interação entre escola e os pais visando um melhor desenvolvimento do educando.

PALAVRAS-CHAVE: Coordenador Pedagógico, Interação, Escola, Pais.

INTRODUÇÃO

O tema escolhido é **objeto** de muitas inquietações, inconformidades e reflexões sobre o desenvolvimento do trabalho do coordenador pedagógico no cotidiano escolar e sua atuação com os pais ou responsável. O planejamento do trabalho se inicia com a pesquisa bibliográfica, com o objetivo de recolher e analisar as principais contribuições teóricas que diversos autores fizeram sobre o papel do coordenador pedagógico nas relações entre a escola, os pais ou responsável pelo aluno.

¹Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Estadual de Maringá-Paraná. Adicional em Educação Especial DM Pela Universidade Estadual de Maringá, Especialista em Gestão Escolar pela Universidade Castelo Branco.

²Doutor em Educação. Professor Pesquisador do Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica pela Escola de Gestores em Parceria com a Universidade Federal do Paraná UFPR.

A primeira etapa da pesquisa constituiu-se de uma revisão da literatura em torno da temática, com o objetivo de buscar um referencial teórico para o estudo. A segunda etapa da pesquisa consistiu na coleta e análise de dados e se compôs das seguintes fases: escolha da escola, observação e entrevistas com o coordenador pedagógico, diretor e pais.

As experiências e situações vividas trouxeram a necessidade de aprofundar o estudo sobre o papel do coordenador pedagógico, frente a uma percepção de rotina de trabalho desordenada, ansiosa, imediatista e desfocada da sua real função. É comum conceber o coordenador como a pessoa designada para apagar incêndios, fiscalizar o professor, ser garoto de recado do diretor, tapa buraco e quebra-galhos, caçador de alunos pelos corredores da escola e outros.

O estudo sobre o tema traz importantes indagações: qual é o papel do coordenador pedagógico no cotidiano escolar frente sua atuação diversificada dentro da unidade escolar, local do exercício de liderança deste profissional?

Por meio de uma revisão de literatura, entrevistas, discussões e análise de vivências no cotidiano da escola, seguem alguns pontos para a discussão do objeto de estudo, possibilitando **hipoteticamente** afirmar que a prática pedagógica se construída pela contribuição de todos os atores sociais, cujo sujeito facilitador, pode ser materializado, dentre outros, na figura do coordenador pedagógico, sendo ele o agente de transformação no cotidiano escolar, responsável pela construção e reconstrução da ação pedagógica, com vistas a construção e articulação coletiva do Projeto Político Pedagógico. Por isso a importância de compreender a essência do seu desafio, com sua importante contribuição para que a escola cumpra com seu papel, priorizando sua rotina na colaboração e execução de programas e atividades na escola, sua participação ativa nos conselhos, compartilhando a responsabilidade do desempenho escolar dos alunos com os pais.

O **objetivo** deste trabalho é analisar a influência dos relacionamentos na escola, questionar a interferência ou não da relação entre escola e pais, através da importante função do coordenador pedagógico. Para a eficácia da pesquisa pretendo esclarecer alguns **objetivos específicos** como:

- a) Investigar a importância do trabalho do coordenador pedagógico na mediação entre escola e os pais ou responsáveis pelo aluno;
- b) Investigar como os pais enxergam o trabalho do coordenador;

- c) Investigar de que forma a escola interage com os pais, se estes recebem esclarecimentos sobre o processo de aprendizagem;
- d) Investigar se a responsabilidade sobre a vida escolar é compartilhada entre escola, o aluno e os pais;
- e) Analisar possíveis estratégias para que coordenadores possam estabelecer vínculos com os pais, contribuindo para a melhoria do processo de ensino;

A necessidade de se construir uma relação entre escola e família, deve ser para planejar, estabelecer compromissos e acordos mínimos para que o educando/filho tenha uma educação com qualidade tanto em casa quanto na escola. E, para uma educação de qualidade, isto é, para uma educação libertadora, transformadora e popular pressupõe-se o desenvolvimento de relações profundamente democráticas no interior da escola.

A abordagem desta **pesquisa é bibliográfica e qualitativa** que é bastante pertinente para o estudo do tema desse trabalho, através da pesquisa dos autores e entrevistas nos permitem conhecer o universo escolar em sua plenitude na busca do entendimento das perspectivas dos sujeitos envolvidos na questão investigada.

O planejamento desse trabalho se inicia através de pesquisa bibliográfica, com o objetivo de desvendar, recolher e analisar as principais contribuições teóricas que diversos autores fizeram sobre o papel do coordenador pedagógico nas relações entre a escola, os pais ou responsável pelo aluno.

A partir deste levantamento se fez necessário também a realização de pesquisa qualitativa, desenvolvidas através de **entrevistas** com alguns pais, diretor e o coordenador pedagógico da escola pública Professora Geni Aparecida Giordano. Esta pesquisa permitiu a observação, a análise e o registro para complementar minha fundamentação teórica.

O trabalho de campo, então, inclui o estudo disciplinado do que o mundo é como as pessoas têm aprendido a ver, ouvir, falar, pensar e agir de formas diferentes. Mais do que um estudo sobre as pessoas, etnografia significa “aprendendo com as pessoas”.

A pesquisa é fundamental e propícia para descobrir a maneira de viver e as experiências das pessoas, a sua visão do mundo, os sentimentos, ritos, padrões, significados, atitudes, comportamentos e ações. Esta perspectiva permite apreender o fenômeno humano na sua totalidade.

1 A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO DO COORDENADOR PEDAGÓGICO NA MEDIAÇÃO ENTRE ESCOLA E OS PAIS OU O RESPONSÁVEL PELO ALUNO

Dentro das inúmeras mudanças que ocorrem na sociedade atual, de ordem econômica, política, social, ideológica, a escola, como uma instituição de ensino e de práticas pedagógicas, enfrenta muitos desafios que comprometem a sua ação frente às exigências que surgem. Assim, os profissionais, que nela atuam, precisam estar conscientes de que os alunos devem ter uma formação cada vez mais ampla, promovendo o desenvolvimento das capacidades desses sujeitos.

Para tanto, torna-se necessária à presença de um coordenador pedagógico consciente do seu papel, da importância de sua formação continuada e da equipe docente, além de manter a parceria entre pais, alunos, professores e direção. Porque as relações interpessoais permeiam a prática do coordenador que precisa articular as instâncias escola e pais, sabendo ouvir, olhar e falar a todos que buscam a sua atenção.

Na parceria escola e pais, esse profissional é requerido para estreitar esses laços e mantê-los em prol da formação efetiva dos educandos à medida que cada instância assuma seu papel social diante desse ato indispensável e intransponível. Como ressalta Alves (*apud* Reis, 2008), Homens que através de suas ações transformadora se transformam. É neste processo que os homens produzem conhecimentos, sejam os mais singelos, sejam os mais sofisticados, sejam aqueles que resolvem um problema cotidiano, sejam os que criam teorias explicativas.

Assim, é o papel do coordenador favorecer a construção de um ambiente democrático e participativo, onde se incentive a produção do conhecimento por parte da comunidade escolar, promovendo mudanças atitudinais, procedimentais e conceituais nos indivíduos.

A escola e a família têm passado por muitas transformações ao longo da história, interferindo assim na estrutura e na dinâmica escolar, aonde a família vem transferindo para a escola funções que deveriam ser sua.

Conforme no Parágrafo único do Capítulo IV do Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990), diz que "é direito dos pais ou responsáveis ter ciência

do processo pedagógico, bem como participar da definição das propostas educacionais", ou seja, trazer as famílias para o convívio escolar já está prescrito no Estatuto da Criança e do Adolescente o a que esta faltando é concretizá-lo, é por a 'lei' em prática.

Nesse sentido, é importante que o coordenador seja um articulador para que escola e família compreendam e trabalhem as questões envolvidas no seu dia-a-dia sem cair no julgamento culpado ou inocente, mas procurando compreender cada situação. A escola e a família, cada qual com seus valores e objetivos específicos na educação de uma criança ou adolescente, constituem uma estrutura intrínseca, onde quanto mais diferentes são, mais necessitam uma da outra. Desse modo, cabe a toda sociedade, não apenas aos setores relacionados à educação, transformar o cotidiano da escola e da família, através de pequenas ações modificadoras, para que a família compreenda a importância dos objetivos traçados pela escola, assim como o seu lugar de responsabilidade neste processo.

Cunha (1996) busca compreender a dinâmica da relação família-escola, com destaque para a família como agente socializador ao enfatizar que os filhos aprendem valores sentimentos e expectativas por influência dos pais.

Enfocando os aspectos sociais, os autores Gomes (1993), GrünNogueira (1998) explica que a participação dos pais na vida escolar dos filhos, pode influenciar de modo efetivo o desenvolvimento escolar dos filhos. O entrosamento dos pais com a escola deve favorecer a reflexão de diferentes aspectos pedagógicos.

Os estudos de Nakayama (1996), Vasconcellos (1995), procuram compreender como os pais concebem e contribuem para estes fatores do cotidiano escolar, que inclui o comportamento do aluno em sala de aula.

A integração da escola com a comunidade e com os pais tem sido identificada como um fator importantíssimo para o bom funcionamento da escola e qualidade de seu processo educacional.

Bueno e Garcia (1996), Valente (1993), Szymanski (1994), Coelho (1994) chamam a atenção para que os pais sejam mais bem orientados sobre as atividades e obrigações escolares dos filhos, isso permitiria um compromisso maior com o sucesso escolar.

No entanto, uma boa relação entre a família e a escola deve estar presente em qualquer trabalho educativo que tenha como principal alvo o aluno. A escola

deve também exercer sua função educativa junto aos pais, discutindo, informando, orientando sobre os mais variados assuntos, para que em reciprocidade, escola e família possam proporcionar um bom desempenho escolar e social às crianças.

Conforme indicado por Carvalho, “... à medida que a consciência social se desenvolve, o dever vai sendo transformado em vontade coletiva”, (1979, p.22), isto é, vai-se criando no interior da escola uma cultura própria orientada pela realização dos ideais da educação, que passam a fazer parte natural do modo de ser e de fazer da escola e, por isso mesmo, não precisa ser imposta de fora para dentro.

Nesse sentido, a escola exerce tanto como condição criadora das qualificações necessárias para o desenvolvimento de competências e habilidades específicas do aluno, como também para a criação de um ambiente participativo de vivência democrática, pela qual os alunos desenvolvem o espírito e experiências de cidadania, caracterizados pela consciência de direitos em associação a deveres. Destacando que a formação do aluno e a sua aprendizagem constitui o objetivo central da gestão democrática.

A figura do coordenador pedagógico surgiu com as transformações na educação entre as décadas de 70 a 90. A partir das transformações sociais, políticas, econômica a mudança de valores, a fragilidade da educação, a desvalorização dos profissionais provocou situações de desânimo na educação, resultada de políticas educacionais formatadas e despejada nas escolas sem um planejamento, sem a participação dos professores. O coordenador professor pedagógico surge em meios a essas inovações educacionais voltadas para projetos diferenciados, mudanças, porém sem nenhuma qualificação o que comprometeu o bom desempenho de sua função. A figura do coordenador foi fruto de uma concepção progressista, onde as novas formas de gestão escolar e processo ensino aprendizagem foram postas em prática. E hoje o coordenador convive com adversas condições de trabalho faltam as condições objetivas, formação técnica, materiais favoráveis, organização coletiva, entre outros fatores, prejudicando assim sua real função a de coordenar, planejar e acompanhar todo o processo didático pedagógico.

Leva-se em consideração que o atual cenário educacional da gestão democrática busca desenvolver uma gestão participativa, tendo o gestor e coordenador como o mediador das ligações entre escola, comunidade, família, onde há relação orgânica entre a direção e a participação dos membros da equipe escolar. O século XXI inicia-se com uma bagagem cheia de incertezas políticas,

ideológicas, comportamentais. Essa situação se reflete também na escola, fazendo emergir sensações de impotência e pessimismo nas pessoas que participam dessa comunidade. O desenvolvimento organizacional depende da melhoria contínua dos processos de gestão, apoio e de base. A eficiência dos processos depende dos referenciais e recursos neles utilizados. Os recursos humanos são determinantes, pois sua capacitação e motivação é que tornam possível o aumento da eficiência dos processos. A vontade e a capacidade dos agentes organizacionais, em última instância, configuram uma cultura organizacional de desenvolvimento, estagnação ou regressão. Baseado nos estudos realizados, o resultado nos direciona para uma observação mais profunda no que se refere aos processos de gestão participativa, uma vez que queremos formar cidadãos conscientes, críticos responsáveis e capazes de exercerem sua cidadania.

Para isso precisamos rever a formação pedagógica, articulando-a entre as políticas educacionais e as concepções de formação enquanto processos de construção coletiva. Pensar na qualidade de ensino implica assegurar um processo pedagógico pautado na eficiência, eficácia e efetividade social, cultural e econômico de modo a garantir o ingresso, permanência e a qualidade em educação, para formar o novo cidadão brasileiro.

Para articular o papel do Coordenador Pedagógico frente à relação escola e pais, fez-se necessário rever o pensamento de autores especialistas na área. Para Gokhale (1980), a família não é somente o berço da cultura e a base da sociedade futura, mas é também o centro da vida social. A educação bem-sucedida da criança na família é que vai servir de apoio à sua criatividade e ao seu comportamento produtivo quando for adulto. A família tem sido, é e será a influência mais poderosa para o desenvolvimento da personalidade e do caráter das pessoas. Assim, pode-se dizer que as crianças precisam sentir que fazem parte de uma família.

De acordo com (DI SANTO, 2007 apud SILVA, 2008), O que temos ainda hoje é um caminho a ser percorrido. Um caminho de cooperação que só será efetivo se os pais compreenderem que à escola não cabe exercer a função moral da família. E, se a escola promovesse ações de conscientização junto a essas famílias para que ficasse clara a importância do dever de cada um no desenvolvimento do aluno/filho, e que, embora essa parceria escola e família sejam essenciais, cada um desses setores deve conservar suas particularidades.

De acordo com Paro [s. d], A escola deve utilizar todas as oportunidades de contato com os pais, para passar informações relevantes sobre seus objetivos, recursos, problemas e também sobre as questões pedagógicas. Só assim, a família irá sentir comprometida com a melhoria da qualidade escolar e com o desenvolvimento de seu filho como ser humano.

Segundo Paro (2007), a escola que toma como objetivo a preocupação de levar o aluno a querer aprender precisa ter presente à continuidade entre a educação familiar e a escolar, buscando formas de conseguir a adesão da família para sua tarefa de desenvolver nos educandos atitudes positivas educadoras com relação ao aprender e ao estudar.

No parágrafo único do capítulo IV, do Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL 1990), afirma que, "é direito dos pais ou responsáveis ter ciência do processo pedagógico, bem como participar da definição das propostas educacionais,". No art. 205 da Constituição Federal (1988), A educação, é direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Para Tiba, (2008), a parceria entre família e escola se forma desde os primeiros passos da criança, todos terão muito a lucrar. A criança que estiver bem vai melhorar e aquela tiver problemas receberá a ajuda tanto da escola quando dos pais para superá-los.

É preciso que o coordenador pedagógico faça essa mediação da interação do diálogo mútuo, entre as instituições escola e família, é de sua responsabilidade:

Promover reuniões com os pais e os corpos docentes e discentes, envolver a comunidade local na elaboração e execução de projetos escolares, coordenar e participar do processo de integração escola, família e comunidade, planejar e coordenar a implementação das ações da orientação educacional, integrando as metas e ações ao projeto político-pedagógico.

Para que esse processo se efetive é preciso um trabalho coletivo, onde todos estejam voltados pelo mesmo objetivo, uma educação de qualidade.

Pensar em educação de qualidade hoje é preciso ter em mente que a família esteja presente na vida escolar dos alunos em todos os sentidos.

Ou seja, é preciso da integração entre família e escola.

2 COMO OS PAIS ENXERGAM O TRABALHO DO COORDENADOR PEDAGÓGICO

Os instrumentos de pesquisa utilizados foram entrevistas semi-estruturada que tiveram como foco buscar conhecer a opinião de pais de alunos, diretor e o coordenador pedagógico da escola sobre os reais motivos pelos quais existe este cenário marcado pela ausência da parceria entre a escola e a família.

Esta percepção se deu através de entrevistas com pais de alunos diversos, os participantes e os não participantes da vida escolar de seus filhos, o objetivo da pesquisa foi de perceber diferentes opiniões. A análise demonstrou que os pais mais ativos na escola percebem o coordenador pedagógico como um substituto do diretor, suporte do professor, um inspetor de sala de aula e pátio, que realiza reuniões. Os pais menos ativos alguns nem sabiam o nome do cargo, e nem o que faziam na escola, só um entrevistado é que relatou que esta pessoa é quem entra em contato no caso de indisciplina da criança e que sempre fica do lado do professor, todos alegam falta de tempo para poder acompanhar mais de perto seus filhos e poder dispensar maior atenção aos mesmos.

Verifica-se também que todos os pais têm consciência de que participam pouco das atividades escolares dos seus filhos, principalmente as que acontecem dentro do ambiente escolar. Desse modo, eles avaliam suas participações como muito baixa ou falha.

De acordo com Nogueira (1999) o relacionamento existente entre escola e famílias se resume em muito dos casos à comunicação de notas bimestrais, questões relacionadas a frequência escolar e os resultados obtidos na aprendizagem.

E de acordo com Carvalho (2000) uma das tarefas que a família precisa desenvolver na vida escolar dos filhos é o acompanhamento dos estudos e esta participação deve ser espontânea ou então a instituição de ensino deverá estar propondo.

É unânime também a importância que todos dão a parceria entre a escola e sua comunidade e no geral é evidente que acreditam que o acompanhamento familiar é o diferencial na aprendizagem escolar. Isso confirma os estudos de Tiba (2002), ao destacar que a integração dos pais com a escola é fundamental, pois são

eles os responsáveis por incentivar os filhos para que obtenham um bom aproveitamento escolar. Para o autor, esta parceria pode trazer uma sólida aliança.

A maioria dos pais, sugeriram que para participarem de maneira mais efetiva na escola, seria necessário que esta promovesse mais atividades aos sábados ou em horário noturno, pois no decorrer da semana é difícil ter disponibilidade, uma vez que tem que cumprir sua jornada de trabalho, sendo nos dias de hoje prejuízo qualquer saída sem atestado, e que a participação da vida escolar do filho não lhe dá direito à ausência no trabalho. Entretanto, todos se mostraram preocupados em encontrar maneiras que pudessem estar mais próximos da escola, acompanhando e contribuindo para que a aprendizagem dos seus filhos tivesse ainda mais êxito.

A importância deste estudo na escola, local de liderança deste sujeito facilitador, é pontual e necessária. Para mudarmos o quadro acima precisamos de uma reflexão que nos levará à compreensão do real papel do coordenador e como ele pode estar interagindo na comunidade escolar para alcançar bons êxitos na melhoria da qualidade do ensino-aprendizagem, tornando o ambiente escolar propício ao desenvolvimento de um trabalho pedagógico, respeitando as distintas vozes que se apresentam na escola.

3 DE QUE FORMA A ESCOLA INTERAGE COM OS PAIS

A entrevista com o diretor e o coordenador da escola foi realizada em conjunto, eles responderam que se torna muito difícil alcançar um ensino de qualidade, quanto não se conta com a parceria dos pais, os alunos mostram-se mais dispersos e também mais rebeldes.

Quando questionados sobre a relação que mantinham com os pais dos seus alunos, a resposta leva a entender que se os pais não os procuram, eles dificilmente vão à procura desses pais, a não ser em casos mais complexos que realmente exijam medidas mais urgentes.

Eles acreditam que o que vem gerando o distanciamento e a falta de vontade dos pais em participar, é o tempo que não dispõem para esta tarefa e a escola que também deixa a desejar no sentido de estar propondo mais ações que de alguma maneira conquiste estes pais e deste modo, eles possam estar atuando mais assíduo na escola. O coordenador mencionou que incentiva a participação dos pais

na aprendizagem dos filhos quando estes vêm à escola e às vezes em reuniões bimestrais ou mesmo em conversas informais quando se encontram na rua.

Foram unânimes em dizer que quando o filho é acompanhado pelos pais apresentam um melhor índice de aproveitamento escolar, sentem-se mais seguros e têm mais facilidade de desenvolver as atividades propostas, mantendo suas tarefas em dia.

Na opinião do coordenador será necessário reavaliar o que já vem sendo feito e o porquê de não estar surtindo maiores efeitos, assim como propor novas ações que possam estreitar estes laços, que são pilares fundamentais para que a educação de qualidade aconteça de fato. Segundo ele, escola e pais são sujeitos indissociáveis para o sucesso da aprendizagem

Paro (2007) aponta como um dos fatores prejudiciais a integração da escola com a família, a questão relacionada à comunicação que para ele se mostra como algo ineficiente. Segundo o mesmo autor a falta de iniciativa dos educadores deixa a desejar havendo uma escassez de trabalho em conjunto com os pais dos alunos, ou seja, os educadores têm pouca iniciativa em realizar trabalhos com os pais dos alunos e estes por sua vez, encontram-se carentes de incentivo para ajudar os filhos a conseguir alcançar bons resultados.

Bhering e Blatchford (1999) apontam a necessidade dos pais conhecerem melhor o Projeto Político Pedagógico da escola e seu funcionamento e este deve incluir propostas e estratégias práticas de ação, bem como suas aspirações e seus ideais de comunidade escolar. Também deve englobar os mais diversos segmentos da escola de maneira participativa e isto inclui os pais dos alunos.

4 A RESPONSABILIDADE SOBRE A VIDA ESCOLAR É COMPARTILHADA ENTRE A ESCOLA, O ALUNO E OS PAIS?

O Artigo 205 da Constituição de 1988 determina que “a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

A participação popular e a gestão democrática fazem parte da tradição das chamadas pedagogias participativas. Elas incidem positivamente na aprendizagem.

Pode-se dizer que a participação e a autonomia compõem a própria natureza do ato pedagógico. A participação é um pressuposto da própria aprendizagem. Mas, formar para a participação é, também, formar para a cidadania, isto é, formar o cidadão para participar, com responsabilidade, do destino de seu país.

Na pesquisa realizada identificamos que a escola acredita que o êxito do processo educacional depende da atuação da família, que por sua vez deve estar atenta aos aspectos do desenvolvimento da criança de modo que possa contribuir no preparo intelectual de forma efetiva e comprometida. Falam da responsabilidade pela formação ampla dos alunos que os pais transferiram para ela e acrescenta que isto a desviou da incumbência de transmissora dos conteúdos curriculares, sobre tudo, de natureza cognitiva.

Com isso, ao contrário de ter as famílias como parceiras, acaba afastando-as cada vez mais do ciclo escolar(DI SANTO, 2007).

Para Tiba (1998), não adianta os pais exigirem da escola a função de educar os filhos e nem a escola atribuir aos pais tal função. A situação é de conflito e temos de encontrar soluções para o benefício de todos, pois a educação virou uma batata quente que ninguém quer segurar. Ao se tratar da tarefa de educar entra num jogo de empurra de responsabilidades sobre os alunos, entre a escola e a família, a família cobra que a educação seja dada pela escola, enquanto esta diz que deve vir de berço e nesse jogo a educação vira área de ninguém.

Ao lado da família, a instituição educativa se firma como um espaço de formação que deve para todo repensar sua prática no sentido de formar os educadores para que os mesmos lancem mão de recursos que os permitam lidarem com esses conflitos próprios do cotidiano escolar.

Para Tiba (1998, p.15) “existe um descompasso entre essa capacitação e a solicitação dos pais em relação à educação dos filhos”. [...] Tiba nos convida a uma reflexão a cerca do que há para ser ensinado às crianças, sobre a metodologia que pode tornar mais coesa a ação docente, sendo essa ação, uma alavanca que poderá ajudar a escola a encontrar saídas legítimas, superar problemas morais e éticos os quais assolam o seu dia-a-dia, vez que a escola não é única instância de formação e cidadania, a família tem seu papel principal.

O desenvolvimento do indivíduo e da sociedade depende cada vez mais da qualidade e da igualdade de oportunidades educativas. A escola é um espaço concreto fundamental para a formação de significados e para se exercer a cidadania

na medida em que possibilita a aprendizagem e a participação crítica e criativa, enquanto para a família, quando mais individualizado for o ensino, melhor para o seu filho, pois nessa suposição, torna-se possível ajudá-lo e destacá-lo, tendo, portanto uma preocupação no âmbito privado, sendo este enfoque mais individual do que social, em contrapartida a escola objetiva preparar o aluno dentro de uma estrutura coletiva (ARENDRT apud CASTRO, 2002).

Portanto, o desafio das escolas é sair dos pólos de extremidades, buscando valorizar tanto a informação quanto a formação, tanto no educador como no educando, tanto o método quanto os conhecimentos acumulados, resgatando a importância do conjunto na construção de conceitos e valores.

Connel (1995) aborda essa temática de modo a deixar claro que a relação entre as partes citadas é entendida como uma relação de classes na medida em que os pais vêem os professores como seus agentes pagos: capazes e especialistas, o que tem dificultado esse elo tão necessário para a formação humana.

De acordo com Silva e Espósito: É necessário reconhecer, portanto, que a escola é uma instituição cujo objetivo principal é a socialização de conhecimentos acumulados. Não há como negar que o papel inerente à escola seja a transmissão do saber sistematizado a formação cultural como instrumento de inserção social dos indivíduos enquanto cidadãos. É esta a sua função possível e indispensável. (1990, p. 25).

Considerando que o desenvolvimento seja um processo promovido culturalmente, Mello afirma que: “A função da educação é realizar esse trabalho de intermediação entre o indivíduo e seu grupo cultural”. “Isso ocorre nas relações entre a criança e seus pais, entre os alunos e os educadores, em situações escolares ou não”. O autor afirma ainda que “Os pais, os professores e os adultos em geral dão suporte e orientam o desenvolvimento de uma criança”.(2005, p.70)

A escola, portanto, deverá respeitar os conhecimentos e valores que as famílias possuem, promovendo a participação dos membros da instituição familiar em diferentes situações, estimulando o diálogo com os pais e possibilitando-lhes também obter ganhos enquanto sujeitos interessados em evoluir e aperfeiçoar como pessoas e cidadãos que visam à transformação da realidade. Nesse sentido, é importante propor aos pais, por meio de certas contradições e situações existentes, problemas que desafiam e exigem resposta tanto no nível intelectual, como no nível da ação. (FREIRE, 1987).

Tanto a família quanto a escola desejam a mesma coisa: preparar as crianças para o mundo;no entanto, a família tem as suas particularidades que a diferenciam da escola e suas necessidades que a aproximam dessa mesma instituição. “A escola tem a sua metodologia e filosofia para educar uma criança, no entanto, ela necessita da família para concretizar o seu projeto educativo.” (PAROLIM 2003, p.99 apud DI SANTO, 2004).O que se pode ver é que a escola e a família cada uma com seus valores e objetivos específicos na educação do alunado forma um organismo intrínseco, onde quanto mais diferente são, mais necessitam uma da outra, afirma (DI SANTO, 2004).

Baseado na concepção de Di Santo percebe-se cada vez mais à necessidade de uma relação conjunta onde se torna impossível o sucesso das partes isoladas, uma vez que existe uma troca recíproca onde é estabelecida uma relação de ajuda que contribuirá de forma significativa na formação do ser social.

Mello (2005, p.3) Afirma que: “Educar não é uma questão de dom, muito menos de vocação, e sim de aprendizagem, e requer muita dedicação, persistência e sensibilidade.

Só acontecerão mudanças efetivas quando a escola e todos os agentes envolvidos com o projeto escolar forem reconhecidos como interlocutores legítimos, quando forem valorizados trabalhando de forma conjunta possibilitando o acesso da família na tentativa de aperfeiçoar o trabalho educativo.

5 ESTRATÉGIAS PARA OS COORDENADORES ESTABELECEM VÍNCULOS COM OS PAIS, CONTRIBUINDO PARA A MELHORIA NO PROCESSO DE ENSINO

A prática pedagógica requer que se pense de forma dialética e que se faça educação para toda a sociedade, ainda que, através de diferentes meios e em diferentes espaços sociais. À medida que esta sociedade se torna tão complexa, há que se expandir a intencionalidade educativa para diversos outros contextos, abrangendo diferentes tipos de formação necessária ao exercício pleno da cidadania.

Espera-se, pois, que o Coordenador Pedagógico conheça plenamente o seu espaço de trabalho, compartilhe idéias e conhecimentos, construa o seu papel na

escola,tornando-se assim, a ligação fundamental, traçando o seu caminho transformador,formador e articulador.

Um novo olhar acerca da relevância do trabalho do coordenador pedagógico na escola há que se buscar, mediado pelo equilíbrio de suas atribuições como um dos eixos imprescindíveis à melhoria das práticas pedagógicas sistematizadas onde cada um e todos se tornam co-responsáveis pelo processo ensino aprendizagem.

Sendo assim, o maior desafio do coordenador pedagógico é construir seu novo perfil profissional e delimitar seu espaço de atuação. Neste sentido, Fonseca (2001) destaca a necessidade do papel de um novo olhar do coordenador pedagógico na escola que deve ser orientado para:

- a) Resgatar a intencionalidade da ação possibilitando a ressignificação do trabalho – superar a crise do sentido;
- b) Ser um instrumento de transformação da realidade – resgatar a potência da coletividade; gerar esperança;
- c) Possibilitar um referencial de conjunto para a caminhada pedagógica;
- d) Aglutinar pessoas em torno de uma causa comum;
- e) Gerar solidariedade, parceria;
- f) Ajudar a construir a unidade, superando o caráter fragmentário das práticas em educação, a mera justaposição e possibilitando a continuidade da linha de trabalho na instituição;
- g) Propiciar a racionalização dos esforços e recursos (eficiência e eficácia), utilizados para atingir fins essenciais do processo educacional;
- h) Ser um canal de participação efetiva, superando as práticas autoritárias e/ou individualistas e ajudando a superar as imposições ou disputas de vontades individuais, na medida em que há um referencial construído e assumido coletivamente;
- i) Aumentar o grau de realização e, portanto, de satisfação de trabalho;
- j) Fortalecer o grupo para enfrentar conflitos, contradições e pressões, avançando na autonomia e na criatividade e distanciando-se dos modismos educacionais;
- k) Colaborar na formação dos participantes.

Dessa forma, agindo como um parceiro o coordenador vai transformando a prática pedagógica. Segundo Vasconcellos (2006) essa práxis é composta das dimensões: reflexiva ao auxiliar na compreensão dos processos de aprendizagem;

organizativa ao articular o trabalho dos diversos atores escolares; conectiva por possibilitar interrelação entre os professores, gestores, funcionários, pais e alunos; interventiva quando modifica algumas práticas arraigadas que não traduzem mais o ideal de escola e por fim, avaliativa, ao estabelecer a necessidade de repensar o processo educativo em busca de melhorias.

Para Libaneo (2004), o coordenador pedagógico é aquele que responde pela viabilização, integração e articulação do trabalho pedagógico, estando diretamente relacionado com os professores, alunos e pais.

Junto aos pais, o coordenador elabora e executa programas e atividades de integração e estreitamento de relações. Esta parceria pode ocorrer tanto de maneira informal acompanhamento do desempenho escolar dos filhos, quanto mais formal, pela participação nos conselhos. A escola deve aprender a partilhar sua responsabilidade com os pais, por isso é de suma importância a presença dos pais em todas as instancias de decisão da escola.

Segundo Orsolon (2003) algumas atitudes do coordenador são capazes de desencadear mudanças no cotidiano da escola: promover um trabalho de coordenação em conexão com a gestão escolar, discutindo que a integração é o caminho para a mudança, por isso o planejamento do trabalho pedagógico deve acontecer de forma participativa e democrática; realizar o trabalho pedagógico de forma coletiva, defendendo que a mudança só acontece se todos se unirem em torno de um objetivo único; procurar atender às necessidades e desejos de todos que compõem a escola, o coordenador precisa estar sintonizado com os contextos social, cultural e educacional da escola, captando as necessidade e anseios da comunidade escolar;

Cabe ao coordenador planejar, coordenar, gerir, acompanhar, intervir e avaliar todas as atividades pedagógicas e curriculares da escola. Ele é agente responsável pelo direcionamento de suas ações para a transformação da pratica pedagógica, isto é, precisa estar consciente da importância do trabalho coletivo, mediante a articulação dos diversos atores escolares. Essa é uma forma de garantir aos professores, gestores, pais, funcionários e alunos a participação e o envolvimento nos novos rumos da escola.

Este olhar se faz necessário como busca da identidade deste profissional. É, sem dúvida, um espaço de conquista, de resolução de problemas e de assunção do

papel profissional do coordenador pedagógico como ator social, primando pelas intervenções e encaminhamentos mais viáveis ao processo ensino-aprendizagem.

A coordenação pedagógica em seu sentido estrito deve garantir um espaço de diálogo, fortalecendo assim a vitalidade projetiva dos atores sociais na luta por uma educação de qualidade e primando pela superação dos obstáculos que inviabilizam as ações coletivas. Cabe ao coordenador pedagógico, junto com todos os outros educadores, exercer o 'ofício de coordenar para educar' também aqui no sentido de possibilitar trocas de saberes e experiências e aprender a aprender.

Construir um ambiente democrático não é tarefa fácil e, por isso, não é empreitada para apenas um elemento. "Uma gestão participativa também é uma gestão da participação" afirma José Carlos Libâneo (1996, p. 200). Quem ocupa cargos de liderança, como coordenador pedagógico, precisa despir-se do posicionamento predominantemente autocrático para possibilitar o desenvolvimento de um clima em que todos contribuam com idéias, críticas, encaminhamentos, pois a gestão e participação pedagógica pressupõem uma educação democrática, ou seja, envolve muito mais do que estabelecer o que é urgente e prioritário, mas se assenta nas dimensões do ouvir, suggestionar em benefício do coletivo, visitar posicionamentos, quando necessário, e primar pela análise e desdobramento do que é imprescindível para o processo ensino-aprendizagem discente, que a escola se propõe em determinada situação ou realidade escolar. É preciso evidenciar e garantir espaços e tempos de debates. Administrar conflitos não é tarefa fácil. Acredita-se que as divergências podem ser valorizadas quando há respeito e consciência de que a formação continuada se dá e só tem sentido com a contribuição do outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizar este trabalho e fazer uma reflexão sobre o papel do coordenador pedagógico nas relações entre escola, pais ou responsável, constata-se que a parceria é indispensável para o sucesso da educação, que é tarefa primordial tanto dos pais, como também da escola o trabalho de transformar a criança imatura e inexperiente em cidadão maduro, participativo, atuante, consciente de seus deveres e direitos, possibilidades e atribuições. E, que este ser em formação seja

futuramente um cidadão consciente, crítico e autônomo desenvolvendo valores éticos, espírito empreendedor capaz de interagir no meio em que vive.

Nessa perspectiva, família e escola devem aproveitar, ao máximo, as possibilidades de estreitamento de relações, porque o ajuste entre ambas e a união de esforços para a educação das crianças e adolescentes deve redundar, sem dúvida nenhuma, em elemento facilitador de aprendizagens e de formação do cidadão.

Ainda mais, ao falarmos sobre esta relação, nos dias de hoje, temos que levar em conta um conjunto de determinantes da nossa realidade concreta que, cada vez mais, exige o desenvolvimento de outros olhares, competências e habilidades para nos relacionar com os demais integrantes da sociedade.

Aí entra a parceria do papel do coordenador como coadjuvante da participação da família na escola, promovendo o diálogo dos professores com os pais, organizando reuniões onde é permitido aos pais falarem e opinarem sobre todos os assuntos escolares. A construção desta parceria deverá partir do coordenador, visando, com a proximidade dos pais na escola, que a família esteja cada vez mais preparada para ajudar seus filhos.

Muito mais do que a nomenclatura do cargo, na constituição da coordenação pedagógica deve-se primar pelo significado que tal cargo deve exercer em nível de liderança e condução dos trabalhos pedagógicos de uma unidade escolar.

Numa gestão democrática há espaço para o diálogo e tomada de decisões de acordo com o bem comum do coletivo. Ao cultivar este espaço, no qual o coordenador pedagógico se coloca como mediador/orientador, pode-se crescer junto com o professor ampliando todos os olhares, sem perder de foco a responsabilidade de cada um no processo. Neste sentido, há que se ter a consciência de que o professor e também coordenador não tem todas as respostas para todos os eventos que ocorrem, mas as problematizam, encaminhando-as da maneira mais viável possível dentro do que se defende como processo democrático. No coletivo é possível buscar soluções para as adversidades que surgem no ambiente escola.

O coordenador pedagógico, sem dúvida nenhuma, é uma peça fundamental no espaço escolar, se ele atuar no sentido de integrar os envolvidos no processo ensino aprendizagem, mantendo as relações interpessoais de maneira saudável, desenvolvendo habilidades para lidar com as diferenças com o objetivo de ajudar

efetivamente na construção de uma educação de qualidade, dando voz e vez aos elementos envolvidos neste processo.

Diante do exposto o que se pode apontar é que a pesquisa-ação aqui implementada, foi pensada no sentido de encontrar mecanismos que pudessem de alguma forma amenizar a problemática relacionada a pouca ou a quase inexistência de uma parceria entre a família e a escola.

Os principais resultados obtidos apontaram que os atores envolvidos na execução do projeto têm consciência dos seus papéis e da importância da sua participação para que possa haver a parceria entre escola e família. No entanto, não se percebe entusiasmo em modificar esta realidade. Tanto os pais, como o diretor e o coordenador, apontam as dificuldades que vêem uns nos outros, assim como, também percebem que poderiam fazer mais, além daquilo que já fazem.

Pelo que foi possível compreender, os pais querem uma readequação da escola, no sentido de promover horários e momentos diferenciados para que eles possam participar de modo mais efetivo. A escola se coloca no sentido de quem se esforça para fazer a sua parte, mas pelo menos admite que precisa buscar outros mecanismos de participação, que chame mais atenção e de certa maneira envolva e sensibilize os pais do quanto sua participação é importante e faz a diferença.

O que também ficou nítido com as pesquisas realizadas e os dados coletados é que todos precisam se mobilizar mais, não só ter consciência do seu papel, mas deve ser colocar em prática, ou do contrário a escola não conseguirá modificar esta realidade que a assola. De nada vai adiantar a proposição de diversas ações, se a maioria dos atores está dispersa, cada um olhando somente para si próprio, sem perceber a importância da coletividade, da necessidade de uma parceria sólida e da participação efetiva de cada um e de todos em prol do mesmo objetivo.

É importante considerar ainda, que nos dias atuais não predomina mais um parâmetro de família que existia há tempos atrás, mas apesar disto e independente da composição familiar, se faz necessário a existência de alguém que possa ser um elo importante na aprendizagem do aluno.

Considera-se de modo geral que este trabalho de investigação aqui apresentado cumpriu com sua finalidade. No entanto, vale ressaltar que há outras possibilidades de análises, que envolvem outros pontos de vista, que também poderão contribuir de modo mais significativo para que se conheça um pouco mais

da temática em questão. É importante enfatizar que a investigação é uma grande aliada no sentido de atribuir novas possibilidades para que sejam geradas novas pesquisas e discussões a cerca do assunto abordado.

REFERENCIAS

ALMEIDA, Laurinda R. **O relacionamento interpessoal na coordenação pedagógica**. In. : ALMEIDA, Laurinda R. PLACCO, Vera M^a N. de S. O coordenador pedagógico e o espaço de mudança. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

ATIÉ, L. Comunidade e Escola: Reflexões sobre uma integração Necessária. *In: Pátio: Revista Pedagógica*. Porto Alegre: Editorial. Ano 3, n. 10. p. 3, ago/out. 1999.

BHERING, E; SIRAJ-BLATCHFORD, I. **A relação escola - pais**: um modelo de trocas e colaboração. Cadernos de pesquisas, n. 106, p. 191 – 216, 1999.

BRASIL, Estatuto da criança e do adolescente – ECA. Brasília, Distrito Federal: Senado, 1990.

_____. Constituição (1988). Constituição (1988): Texto Constitucional de 5 de outubro de 1988 com as alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais nº. 1/92 a 18/98 e Emendas Constitucionais de revisão nº. 1 a 6/94 – Ed. Atual. Em 1998 – Brasília: Senado Federal Subsecretaria de edições técnicas, 1988.

CARVALHO, M. E. P. **Relações entre família e escola e suas implicações de gênero**. Cadernos de Pesquisa, n. 110, p. 143 – 155, 2000.

COELHO, A. S. B. F. (1994). **A influência da estrutura do ensino no fracasso da aprendizagem**. Temas Sobre Desenvolvimento. v.3, n.18, p. 28-37.

CUNHA, M. V. (1996). A escola renovada e a família desqualificada: do discurso histórico-sociológico ao psicologismo na educação. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógico**. Brasília, v. 77, n.186, p. 318-345, maio/ago.

DEVAL, J. Rumo a uma educação democrática. *In: Pátio: revista pedagógica*. Porto Alegre, ano VII, n. 25, p.48-51, fev. /abril 2003. 12

GADOTTI, M. **Pedagogia da Práxis**. São Paulo: Cortez, 1995. Disponível em: http://www.notapositiva.com/trab_professores/textos_apoio/psicologia/teoriaspiagetvygostsky.htm

_____. **Relação entre escola, família e educação moral**. Disponível em: <http://www.uces.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/>.

_____. **Gestão Democrática com participação popular.** Disponível em http://conae2014.mec.gov.br/images/pdf/artigogadotti_final.pdf acessado em 30/06/2014.

GOKHALE, S. D. A família desaparecerá? In: **Revista Debates Sociais.** Nº. 30, Ano XVI. Rio de Janeiro, CBSSIS, 1980.

GOMES, J. V. (1992). **Relações família e escola:** continuidade e descontinuidade no processo educativo. *Idéias.* Secretaria da Educação, São Paulo, n.16, p.84-92.

GRÜNSPUN, H. e GRÜNSPUN, F. [S.D.] **Assunto de escola.** In: Assuntos de família: relacionamento- sexo-Tv-Droga-Escola. [S.L.]: Almed.

HORA, D. L. da. Gestão democrática na escola: Artes e ofícios da participação coletiva. In: **Coleção Magistério:** formação e trabalho pedagógico. Campinas, SP: Papirus, 1994, p. 134.

LIBÂNIO, José Carlos. **Organização e gestão da escola: Teoria e Prática.** Goiás; Alternativa, 1996.

LIMA, Paulo Gomes. **Possibilidades ou potencialidades: a postura piagetiana na epistemologia genética sobre a gênese da inteligência.** Acta científica. Ciências Humanas. Engenheiro Coelho: Unaspress: v. 02, n. 09, p.17 – 21- 2007.

LOPES, Jorges. **Fazer do trabalho científico em ciências sociais aplicadas.** Ed. Universitária UFPE, 2006.

MEDINA, Antônia da Silva. **Supervisão Escolar:** da ação exercida à ação repensada. 2.ed. Porto Alegre: A. G. E., 2002.

NAKAYAMA, A, M. (1996). **A disciplina na escola:** o que pensam os pais, professores e alunos de uma escola de 1o grau. São Paulo, 239p. Dissertação (Mestrado). Instituto de Psicologia, USP.

NOGUEIRA, N. A Relação Entre Escola e Comunidade na Perspectiva dos Parâmetros Curriculares Nacionais. In: **Pátio: Revista Pedagógica.** Porto Alegre: Editorial. Ano 3, n. 10. p. 13-17, ago/out. 1999.

PARO V. H. **Qualidade do ensino:** a contribuição dos pais/Vitor Henrique Paro. -3. Rei MP. São Paulo: xamã, 2007.

_____. **Qualidade do ensino:** a contribuição dos pais. [s.d.]: Xamã. 126 p.

_____. **Qualidade do Ensino:** a contribuição dos pais. São Paulo: Xamã, 2007.

PIAGET, J. **A construção do real na criança.** Rio de Janeiro: Zohar, 1970.

PILETTI, N. **Estrutura e Funcionamento do Ensino Fundamental.** São Paulo: Ática, 1998.

REIS, Fátima. **O papel do coordenador Pedagógico na articulação escola x família.** Disponível em: www.werartigos.com. Acesso em 20/08/2008.

REVISTA NOVA ESCOLA, Gestão Escolar. **Trio Gestor: Um trio coeso e bem articulado**, ANO I – nº6 –p.22 a 28-Fevereiro/Março 2010.

SILVA, Sônia das Graças Oliveira (2008) apud DI SANTO, Joana Maria R (2007). **A Escola na Formação do Cidadão**. (2008). Disponível em: < [http://www.artigos.com/option,com_comprofiler/task, userprofile/user, 726/Itemid, 60/](http://www.artigos.com/option,com_comprofiler/task,userprofile/user,726/Itemid,60/) >. Acesso em: 26 de abr. 2009, às 09: 22 h. 13

SZYMANSKI, H. (1994). Significado de avaliação para mães de uma escola estadual da região central de São Paulo. *Idéias*. Secretaria da Educação, São Paulo, v. 22, p. 69-74.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 14ª edição. São Paulo: Cortez Editora, 2005.

TIBA, I. **Quem Ama, Educa**. São Paulo: Gente, 2002.

TIBA, Içami. **Conversado com Içami Tiba**: volume 2 – Içami Tiba - São Paulo: Integrare Editora, 2008.

TOCANTINS. Regimento Escolar Resolução CEE- 2007.

VALADÃO, C. R.; SANTOS, R. de F. M. **Família e escola**: visitando seus discursos. São Paulo: 1997.

VALENTE, M. L. L. C. **Fracasso escolar**: problema de família? Marília-SP. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Faculdade de Filosofia e Ciências, UNESP.(1993)

VASCONCELLOS, C. S. **Disciplina**: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola. *Cadernos Pedagógicos do Libertad*, São Paulo, v. 4, p. 101-115(1995).

VEIGA, Ilma Passo Alencastro. **Perspectiva para reflexão em torno do projeto político pedagógico**. Ln: VEIGA, Ilma Passo Alencastro, RESENDE, Lúcia. Disponível em <http://pt.scribd.com/doc/93237543/Escola-Espaco-do-Projecto-Politico-Pedagogico-Ilma-Passos-Alencastro-Veiga-coord> Acessado em 30/06/2014.